

# NOTAÇÃO DE AUTOR: sua história

Rita de Cássia do Vale Caribé \*

## RESUMO

Relata os resultados de pesquisa sobre notação de autor. Analisa o caminho percorrido pelos sistemas e tabelas construídas ao longo do tempo, identificando sua história, influências, questionamentos e consolidação. Consiste em pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, realizada por meio de estudo e análise da literatura. Da análise observou-se que diferentes critérios foram utilizados para a construção da notação de autor: uso da primeira letra do sobrenome do autor; uso de números consecutivos de entrada da obra do autor no acervo; uso do ano de publicação combinado com letras do alfabeto que representam períodos de tempo. Foram identificadas as influências que Cutter recebeu das ideias de Schwartz - quanto à tradução do nome do autor em algarismos - e de Edmands - quanto ao uso da primeira letra do sobrenome do autor em maiúscula e ao acréscimo de um número que representa o autor. Diversos sistemas e tabelas identificados não resistiram ao teste do tempo e deixaram de ser utilizados, exceto a tabela de Cutter que é aplicada nas maiores bibliotecas do mundo e nas bibliotecas brasileiras.

\* Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília, Brasil. Professora Adjunta da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, Brasil.  
E-mail: rita.caribe@gmail.com.

**Palavras-chave:** Notação de autor. História. Bibliotecas brasileiras.

## I INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, de maneira geral, quando alguém precisa de um documento primeiro o busca na internet, muitas vezes o encontra na íntegra bastando apenas clicar no título para que o mesmo apareça na tela do seu computador. Ao clicar, essa pessoa está acionando o endereço para localização automática do documento, que pode estar armazenado em diferentes e vários lugares: grandes bancos de dados, sites, bibliotecas digitais ou outro sistema. Essa facilidade, no entanto, surgiu somente a partir da década de 1990.

Se a pessoa não encontrar o documento da forma apresentada acima deverá recorrer às bibliotecas tradicionais. Será necessário pesquisar nos catálogos para localizar o endereço e deslocar-se até o local indicado,

onde encontrará o documento requerido. O endereço do documento é construído a partir de sistemas e tabelas que representam o conteúdo e também outros dados que permitem a identificação do documento como um objeto único. Nas bibliotecas tradicionais esse endereço é denominado número de chamada (*call number* ou *shelf location*), que se constitui no conjunto de símbolos utilizados para indicar a localização física de documentos (LEHNUS, 1978).

O número de chamada é composto por vários elementos. Para efeito desta pesquisa definiu-se: marca da coleção, notação de classificação, notação de autor, marca da obra, marca de edição, marca de volume, marca de exemplar. Pode-se, no entanto, incluir outros elementos caso sejam necessários no julgamento da biblioteca, para individualizar cada item da coleção, de forma a agrupar os semelhantes de acordo com um critério escolhido.

Esta pesquisa está focada na notação de autor. Tem como objetivo estudar esse elemento, traçando o caminho percorrido pelos sistemas construídos ao longo do tempo, identificando sua história, influências sofridas, questionamentos e consolidação.

Consiste em pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, realizada por meio de estudo e análise da literatura. Para a pesquisa bibliográfica foram utilizadas diversas fontes: a base de dados Library and Information Science Abstracts (LISA), as bases de dados da CAPES; livros de catalogação e classificação; e especificamente livros que tratam exclusivamente sobre *book numbers* (número de autor ou notação de autor). Foram consultados, ainda, livros de história das bibliotecas, porém foram identificadas poucas informações quanto aos métodos de organização nas estantes.

Neste estudo foram identificados diferentes sistemas utilizados para elaboração da notação de autor, bem como estudadas as influências que cada autor/sistema recebeu de outros autores predecessores ou contemporâneos. Diversos textos mais recentes foram consultados, a partir dos quais chegou-se aos artigos originais, levando à consulta de artigos do final do século XIX, período de efervescência das ideias de desenvolvimento dos sistemas de notação de autor. Foram identificadas e apresentadas inquietações e discussões sobre as alternativas para organização e recuperação dos documentos nas estantes.

Os resultados deste estudo estão apresentados em quatro capítulos: os primórdios - discorre sobre as primeiras bibliotecas, as evidências de sistemas rudimentares utilizados para localização dos documentos; o segundo capítulo - o despertar - a partir do século XIV com o crescimento da quantidade de documentos emerge uma demanda pela organização e localização dos documentos armazenados; no terceiro capítulo - as discussões e consolidação - a partir do final do século XIX a rotulagem dos documentos passou a ser um tema de interesse e inicia-se o processo de discussão, criação, desenvolvimento e consolidação de vários sistemas de codificação de autor para construção da notação. No quarto capítulo, as conclusões resultantes da análise.

## 2 OS PRIMÓRDIOS

A rotulagem de livros e seus respectivos sistemas de números de chamada têm como objetivo organizar o acervo de uma unidade de informação facilitando, assim, a localização de cada item. A preocupação com a sistematização dos números de chamada teve início no século XIX, conforme detalhado mais adiante. Entretanto, podem ser encontradas evidências em artefatos arqueológicos de bibliotecas da Mesopotâmia que remontam 3.000 a.C., conforme relatam Escolar Sobriño (1990) e Slavic (2009), comprovando que esta preocupação é bem mais antiga. Os povos da Mesopotâmia foram os que idealizaram as etiquetas para facilitar a localização das obras, bem como incluíram na primeira linha da tabuleta ou tabuinhas de argila, que consistia no suporte do livro à época, uma frase que correspondia ao título da obra.

Em escavações realizadas, entre 1964 e 1975, na cidade de Ebla, ao norte da Síria, foram descobertas em um palácio 17.000 tabuletas de argila que equivaleriam a 4.000 documentos, em escrita suméria, que datam de aproximadamente 2.250 a.C. Pela observação presumiram que estavam organizadas por assunto, pois possuíam formatos diferenciados conforme o assunto tratado. As tabuletas redondas correspondiam a textos econômicos e administrativos e eram armazenadas no nível inferior das prateleiras, enquanto as quadradas correspondiam a textos de diferentes assuntos e eram armazenadas nas prateleiras superiores (ESCOLAR SOBRIÑO, 1990).

Nas escavações em outras antigas bibliotecas, como a Biblioteca Real de Nínive, também conhecida como Biblioteca do rei Assurbanipal, do século VII a.C., foram descobertas centenas de milhares de tabuletas de argila organizadas na mesma ordem em que estavam nas prateleiras de madeira antes que fossem queimadas. Observou-se que essas tabuletas possuíam uma identificação que correspondia ao local onde estavam armazenadas.

Bushnell (1931, p. 28 *apud* SLAVIC, 2009) relata sobre a biblioteca da cidade de Larsa, antiga cidade da Suméria (atualmente Tell-a Senkereh, no Iraque) da qual foram trazidas tabuinhas triangulares com orifícios. Supõe-se que nesses orifícios fossem passados cordões com

a finalidade de fixar as peças que possibilitariam a sua identificação e localização. Em várias bibliotecas esse método de anexar rótulos às tabuinhas foi também observado, o qual poderia identificar a coleção a que pertencia, a classe, o número do livro dentre outras informações.

Por volta de 250 a.C., Calímacus (Calímaco em português), poeta, sábio e bibliotecário grego, responsável pela Biblioteca de Alexandria, elaborou o que pode ser considerado o primeiro catálogo de obras, denominado *Pinakes*, que consistia em listas de índices referente ao conjunto de obras ou rolos. Esse catálogo, composto por 120 livros, estava organizado pelas profissões dos autores: poetas, filósofos, historiadores, oradores etc. O sistema de Calímacus era dividido em seis gêneros e cinco seções de prosa. Estes eram: retórica, direito, épica, tragédia, comédia, poesia lírica, história, medicina, matemática, ciências naturais e miscelâneas. Dentro de cada categoria as obras eram organizadas pela ordem alfabética do autor. Observa-se aqui uma forma rudimentar de organização dentro de grandes classes temáticas, que agrupam os semelhantes, e dentro dessas classes pelo autor e ordem cronológica.

Complementando com Norris (1939 *apud* SLAVIC, 2009), é provável que Calímacus tenha adotado o mesmo sistema de classificação que utilizou para estruturar seu catálogo, para organizar o acervo da Biblioteca de Alexandria. Esse acervo, estimado em 500.000 rolos, era dividido por assunto e armazenados em caixas, que possuíam um rótulo com tabuletas pintadas, penduradas acima dos papiros armazenados, e ofereciam informação bibliográfica referente a cada rolo de papiro. A primeira palavra do texto era utilizada como indicação do lugar onde estava o documento, prática que desempenhava a função de número de chamada. Uma entrada típica começava com a primeira linha da obra, que correspondia ao seu título, incluía um resumo, informações sobre a origem do rolo, e ainda registrava o número de linhas de cada obra. Incluía o nome do autor, seu local de nascimento, nome do pai, dos professores que o treinaram anteriormente, e sua formação educacional; incluía, também, uma breve biografia do autor e uma lista de suas publicações. Observa-se a forma rudimentar de descrição dos metadados da obra e informações sobre o autor.

Escolar Sobriño (1990) relata que nas bibliotecas árabes os livros eram guardados em

armários de madeira e nas portas havia uma folha com a relação dos documentos que estavam guardados, sem nenhuma indicação no próprio item.

Nas bibliotecas da Idade Média, a ordem dos livros nas prateleiras dos mosteiros e catedrais era por assunto e, ocasionalmente, por doadores, como ficou registrado nos catálogos preservados a partir daquele período. Utilizou-se, também, a localização fixa para organização das coleções.

### 3 O DESPERTAR

De acordo com Bakewell (1972 *apud* SLAVIC, 2009), a preocupação em identificar a localização dos livros só começou a partir do século XIV, e, vários métodos foram utilizados para organizar obras independentes em um só volume. O problema da ordenação dos livros (*ordo locacionis*) começou a ser percebido com o surgimento dos primeiros fundamentos teóricos, exemplos de boas práticas, diretrizes e instruções para arranjo das coleções que apareceram nos trabalhos de Conrad Gesner, Andrew Maunsell, John Dury, Gabriel Naudé e Abbé Rosier, entre os séculos XVI ao XVII.

Naudé (1644, p. 127-128) enfatizava a importância de manter uma ordem e disposição dos livros na biblioteca de forma a possibilitar a localização do documento com facilidade e em tempo hábil. Para ele não bastava ter grande quantitativo de livros, mas que estes estivessem organizados. De forma metafórica, ele afirma que um grande amontoado de pedras não pode ser considerado uma habitação se não estiver convenientemente organizado. Para ele um grupo de trinta mil homens não pode ser considerado um exército se não estiver organizado, dentro de uma hierarquia de comando e das respectivas classes hierárquicas. Da mesma forma, um amontoado de livros não consiste em uma biblioteca, pois há preceitos básicos para que possa ser considerada como tal. A ordenação lógica era outro ponto questionado por Naudé, ou seja, a ordenação deveria seguir uma lógica.

A partir do século XV, com a invenção da prensa de tipos móveis de Gutenberg, cresceu o número de títulos e de exemplares de obras publicadas. Nos séculos XVII e XVIII a quantidade de pessoas alfabetizadas também

creceu. Observa-se, assim, o aumento: da oferta da quantidade de documentos disponíveis e do público capacitado para apropriar-se de seus conteúdos. Nesse contexto, o tamanho das coleções das bibliotecas passou a ser um problema para a gestão e o acesso. Por outro lado, os antigos métodos medievais de rotulagem de livros de acordo com salas, estantes e prateleiras (número fixo) criaram problemas diante do crescimento das coleções.

De acordo com Slavic (2009), a introdução do livre acesso às estantes das bibliotecas, em meados do século XIX na América, lançou, praticamente, a Biblioteconomia na era moderna. Nesse contexto, a questão da rotulagem do livro como parte de um conjunto mais amplo de problemas relativos ao processamento e o arranjo da coleção passou a atrair a atenção a partir do século XIX.

#### 4 AS DISCUSSÕES E CONSOLIDAÇÃO

Satija (1990) analisa que a organização fixa ou absoluta das coleções não atendia às necessidades das bibliotecas, pois os acervos estavam crescendo de forma exponencial. Com o desenvolvimento dos sistemas de classificação relativa surge outro problema, como individualizar os documentos dentro de uma classe de assunto.

Na década de 1870, foi realizado um seminário do qual participaram os grandes bibliotecários da época que discutiram sobre o arranjo dos livros e os sistemas de número de chamada. Os resultados desse seminário, de acordo com Barden (1937), foram publicados no *Library Journal*, americano, a partir de 1878 e no *Library Association Record*, britânico, a partir de 1876.

As questões podem parecer triviais para os bibliotecários da atualidade, porém para aquele período esses temas ainda não haviam sido discutidos. Portanto, muitas dúvidas demonstram as preocupações dos bibliotecários daquela época, a saber:

- O formato de um livro é relevante para a sua ordenação dentro de uma classe?
- O número de chamada deve ser relativo?
- Como a interpolação de novos livros será resolvida: por notação decimal ou saltando sequências de números?

- Os livros devem estar dispostos por ordem de entrada, ordem alfabética ou cronológica dentro de uma classe?

\* Se alfabética, os símbolos utilizados deveriam ser letras, números ou uma combinação de ambos?

\* Se cronológica, qual sistema deveria ser utilizado para numeração cronológica dos livros?

Com relação a estes questionamentos e suas respostas identifica-se na literatura trabalhos elaborados por diversos autores como: Jacob Schwartz em 1878 e 1879; John Edmands em 1879 e 1887; Melvil Dewey em 1879 (dois artigos) e 1897; Charles A. Cutter em 1878, 1886 e 1887 (dois artigos); Horace Kephart em 1897; James Douglas Stewart em 1907; Henry E. Bliss em 1910 e 1912; William S. Merrill em 1912 e William C. B. Sayers em 1912. Cabe ressaltar que vários destes artigos foram consultados.

O primeiro sistema foi apresentado por M. Jacob Schwartz (1846-1926) no início de 1871. Foi aplicado com sucesso no rearranjo da New York Apprentices' Library, a partir de 1872. Sua maior preocupação era com a simplicidade, a definição do número de chamada com no máximo sete dígitos.

De acordo com Schwartz (1878), há três métodos fundamentais de arranjo dos livros: o numérico, o alfabético e o sistemático ou classificado. Cada um possui suas vantagens peculiares e também desvantagens, e podem ser utilizados de forma isolada ou combinados entre si.

Schwartz (1878) descreveu seu sistema como combinado. Ele integrou em um único sistema as características essenciais e fundamentais dos três sistemas: o numérico, o alfabético e o sistemático. Propôs a divisão do acervo em 25 classes ou divisões especiais, designadas pelas letras do alfabeto (A-Z - excluindo a letra J). Essas classes podem ser subdivididas em nove subclasses por meio da adição de um dos nove dígitos (1-9), que também podem ser subdivididas em 25 sub-subclasses por meio da adição de letras do alfabeto em minúscula (a-z), excluindo novamente o j. Essa forma permite a criação de 6.500 classes e subdivisões. Esse sistema de classificação

não será aqui detalhado, pois o objetivo deste estudo não está direcionado para os sistemas de classificação. Dentro de cada classe os livros eram organizados de acordo com o tamanho, e em seguida pelo nome do autor ou a primeira palavra significativa do título na ausência do autor.

Para a tradução dos nomes de autores em algarismos Schwartz (1885) propôs a tabela reproduzida no quadro 1, denominada *Author and title numbers*, que foi publicada no *Library Journal*, volume 10, página 371, em 1885. Essa

tabela deveria ser utilizada para organizar o acervo de ficção, que era organizado pela ordem alfabética do autor.

Por meio da análise da literatura constata-se que a primeira ideia de tradução do nome do autor em algarismos de forma a preservar a ordem alfabética foi, originalmente, desenvolvida por Jacob Schwartz em 1871 e publicada no *Library Journal*, de 1878, 1882 e 1885, observação corroborada por Barden (1937). O foco principal naquela época era criar um instrumento para possibilitar número de chamada o menor possível.

**Quadro 1 – Author and title numbers**

1	A B	2	C. D.	3	E. F.	4	G. H.	5	I. L.	6	M. N.	7	O. R.	8	S. T.	9	U. Z.
10	Aa-Af	20	Caa-Caz	30	Ea-Ef	40	Gaa-Gaz	50	Ia-Iz	60	McA-McZ	70	Oa-Oz	80	Sa-Sc	90	Ua-Uz
11	Ag-An	21	Ce	31	Eg-En	41	Ge-Gh	51	Ja-Jy	61	Maa-Maz	71	Paa-Paz	81	Se-Sh	91	Va-Vy
12	Ao-Az	22	Cha-Ciz	32	Eo-Ez	42	Gi-Gl	52	Kaa-Kaz	62	Mea-Mez	72	Pe-Ph	82	Si-Sk	92	Waa-Waz
13	Ba-Bd	23	Clo-Cn	33	Faa-Faz	43	Go-Gr	53	Ke-Kn	63	Mia-Mn	73	Pi-Pn	83	Sl-Sn	93	Wea-Wez
14	Be-Bh	24	Coa-Coz	34	Fe-Fh	44	Gu-Gy	54	Ko-Ky	64	Moa-Moz	74	Po-Pt	84	So-Sp	94	Wha-Why
15	Bia-Biz	25	Cr-Ct	35	Fia-Fiz	45	Haa-Haz	55	Laa-Laz	65	Mua-Muz	75	Pu-Py	85	Sta-Sty	95	Wia-Wiz
16	Bl-Bn	26	Cu-Cy	36	Fla-Fly	46	Hea-Hez	56	Lea-Lez	66	Mya-Myz	76	Qua-Quz	86	Su-Sy	96	Woa-Woz
17	Boa-Boz	27	Daa-Daz	37	Foa-Foz	47	Hia-Hiz	57	Lia-Ll	67	Naa-Naz	77	Raa-Raz	87	Taa-Taz	97	Wra-Wry
18	Bra-Bry	28	De-Di	38	Fra-Fry	48	Hoa-Hoz	58	Loa-Loz	68	Ne-Ni	78	Re-Ri	88	Te-Tm	98	Wu-Wy
19	Bu-By	29	Do-Dy	39	Fu-Fy	49	Hu-Hy	59	Lu-Ly	69	No-Ny	79	Ro-Ry	89	To-Ty	99	X.Y.Z

Fonte: Schwartz (1885, p. 371)

O número 2, volume 4, do *Library Journal* de fevereiro de 1879<sup>1</sup>, traz um artigo com um título comum, porém com partes elaboradas por diferentes autores. Esse artigo comenta sobre um simpósio no qual foram discutidos diversos projetos de números de chamada, sem, entretanto especificar o nome do evento, nem o lugar e data de sua realização.

Uma das partes desse texto foi elaborada por John Edmands (1879). Ele relata sua insatisfação em relação aos sistemas utilizados na Amherst Library (sistema elaborado por Dewey) e na N.Y. Apprentices' Library (sistema elaborado por Schwartz), para construção da notação de autor. Apresenta sua proposta para organização do acervo de obras de ficção, incluindo um sistema de classificação formado por 22 classes designadas por letras maiúsculas, que poderiam ser subdivididas, cada uma em 22 subclasses identificadas pelas letras minúsculas, gerando assim mais de 400 subclasses, que

eram representadas por apenas dois caracteres. Dentro de cada classe os documentos eram organizados pelo nome dos autores, combinado com uma sucessão numérica, a partir de 0 até 9999 ou distribuídos os nomes dos autores de acordo com um sistema ou plano como o sugerido por Schwartz, conforme apresentado no quadro 1. Desta forma, qualquer livro pode ser acrescentado ao acervo em sua posição na ordem alfabética, sem que a ordem dos demais livros seja alterada. Os autores reforçam que o número de chamada deveria ser curto, não ultrapassando a seis caracteres.

John Edmands (1820-1915) propôs o uso da primeira letra do sobrenome do autor em maiúscula à qual acrescentou um número, denominado *author-number* (número do autor). Na linha seguinte acrescentou outro número que ele denominou *title-number* (número do título), para identificar um livro em particular, dentro do conjunto de livros de mesmo autor. As letras iniciais dividiam os livros em 21 seções numeradas independentemente. As letras i, q, u, x, z foram omitidas e os livros que tivessem essas letras eram colocados em j, p, v,

<sup>1</sup> EDMANDS, J. ; LARNED, J. N.; MELVIL DEWEY, C.; CUTTER, C.A.; PERKINS, B. Plans for numbering with especial reference to fiction: a library symposium. *Library Journal*, v. 4, n. 2, p. 38-47, 1879.

y respectivamente. No entanto, ele considerou que essa tabela seria um problema para o uso com obras anônimas e com autores que usam pseudônimos. Cabe ressaltar que nesse artigo Edmands (1879) não explica como a notação era construída, apresenta alguns exemplos dentre os quais o livro de Charles Dickens, intitulado *Oliver Twist* cuja notação seria:

$$C \frac{420}{61}$$

A outra parte do texto citado foi elaborada por Josephus Nelson Larned (1879), na qual apresenta o seu método para organização do acervo de ficção. A partir do sistema de Dewey, atribuiu números decimais consecutivos a vários autores, como por exemplo: De acordo com o sistema de Dewey vigente à época, 823 era atribuído a Romances de autores ingleses e americanos. No sistema de notação de autor Larned atribuiu os algarismos 100 a 199 para romances em prosa no inglês antigo tais como as obras de Thom; os números a partir de 200 a 899 para autores mais modernos; 900 a 999 para *Waverly novels*<sup>2</sup>; a partir de 1000, cada centena era atribuída especificamente a um autor. Exemplo: De 1100 a 1199 era atribuído às obras de Charles Dickens.

Na outra parte do texto, Dewey (1879) analisa o sistema proposto por John Fitzpatrick e considera-o muito semelhante àquele que foi utilizado na Amherst Library e posteriormente abandonado. Ele cita o plano de Cutter de organizar os livros alfabeticamente, que estava em estudo e testes. Dewey criticou ambos ressaltando aspectos negativos, tais como: necessidade de desenvolver toda a tabela antes do seu uso; uso confuso e números ou notações longas.

Dewey concorda com a proposta de J. N. Larned de que diversos exemplares de um mesmo documento deveriam possuir o mesmo número de chamada, ao qual deveria ser acrescida mais uma marca que identificasse o exemplar. Criticou as propostas de Edmands e de Schwartz. Também contestou a proposta apresentada por Cutter para expansão da tabela quando dois números consecutivos tivessem

sido utilizados, argumentando que nesse caso há uma quebra nas regras aritméticas. Discordou, também, do processo adotado para autores com nomes similares.

Cabe ressaltar que Dewey defendia o uso do sistema decimal para os assuntos. Dentro de cada classe, os livros deveriam ser organizados de acordo com a ordem cronológica em que foram publicados pelo autor, iniciando pelo algarismo um. Entretanto, há diversos questionamentos quanto à forma de incluir um livro recém-adquirido, mas que foi publicado há vários anos. Após estudar diversos sistemas Dewey aprovou a sugestão de Edmands de utilizar a inicial do sobrenome do autor.

Charles Ammi Cutter, que era bibliotecário da Boston Athenaeum, foi contra a proposta de combinação de letras e números, pois preferia o uso de letras para a classe e de algarismos para o número de autor. Posteriormente, concordou com a proposta de Edmands. O uso da letra tem como vantagem sugerir o nome e a ordem alfabética, além de tornar possível um símbolo curto, pois 26 letras do alfabeto podem fornecer uma base mais ampla do que nove algarismos.

Cutter (1878) inicia seu artigo discutindo dois problemas por ele detectados, que para os dias de hoje são triviais, porém no século XIX ainda não tinham sido analisados e equacionados. O primeiro problema era quanto à necessidade de uma etiqueta na lombada dos livros, pois o número que indicava sua localização era escrito a lápis, dentro do livro, e o segundo a organização fixa do acervo.

Cutter (1878) defende a ideia de que os livros podem ser encontrados consultando-os diretamente nas estantes, sem ter a necessidade de consulta ao catálogo, o que corresponde ao *browsing* utilizado hoje. Outra ideia sua é que cada autor tivesse seu próprio número. A partir desta ideia ele imaginou uma combinação entre os números de classes de Dewey com a tabela proposta por Schwartz. Pensou, então, em uma tabela que utilizasse a numeração decimal, permitindo a interpolação de novos documentos de forma infinita, assegurando, no entanto que a ordem alfabética não fosse perdida. Expõe diversas tentativas de estabelecer uma tabela, utilizando diferentes formas de combinações.

Mais tarde, Charles Ammi Cutter concluiu sua própria tabela para individualizar os autores, que foi publicada em 1880. De acordo com essa tabela, o autor deveria ser identificado pela

2 *Waverly Novels* - série de romances de autoria de Walter Scott (1771-1832), de grande popularidade na Europa.

primeira letra do seu sobrenome seguida por algarismos arranjados na ordem alfabético-decimal. No julgamento de Cutter este seria o arranjo ideal, pois permite a inserção de novos números caso ocorra coincidência nos sobrenomes de autores que publicaram na mesma área temática. Como se pode observar, Cutter aperfeiçoou a ideia e incorporou o uso da decimalidade que já integrava o sistema de classificação decimal de Dewey, pois considerou que o número do livro poderia ser análogo ao número de classe, sendo construído em um sistema decimal (BARDEN, 1937; LENTINO, 1967, 1971; SAYERS, 1918).

De acordo com Barden (1937) e Sayers (1944), a primeira tabela elaborada por Cutter foi publicada na introdução da sua obra *Expansive Classification*. Uma ou mais letras do sobrenome do autor eram acrescentadas à marca de autor. Para sobrenomes que começavam por consoantes, com exceção da letra S, era acrescentada uma letra, para os nomes que iniciavam com vogais eram acrescentadas duas letras. Para os nomes que começavam com S eram acrescentadas duas letras e para os nomes que começavam com Sch eram acrescentadas três letras. Assim, a tabela era composta por dois (2) algarismos, para todos os nomes que começavam com consoante exceto a letra S, para a qual era utilizada uma letra e dois números. Para os nomes que começavam com vogais ou com a letra S a segunda letra do nome do autor era acrescentada seguida de um número. Para os nomes que começam com Sc três letras eram utilizadas seguidas de um número.

Abbott	Ab2
Beard	B34
Smith	Sm51
Schneider	Sch57

Essa tabela não foi considerada suficiente pelos profissionais da época para atender às

bibliotecas que possuíam grandes acervos ou que eram especializadas, nas quais poderia ocorrer mais de 20 obras de um mesmo autor sobre um mesmo assunto. Foi também considerada inadequada para livros de ficção e biografias individuais (BARDEN, 1937; LENTINO, 1967, 1971).

Com o objetivo de solucionar o problema, por sugestão do próprio Cutter, a senhorita Kate E. Sanborn organizou, entre o final da década de 1890 e 1900, uma tabela mais desenvolvida na qual adotou um plano uniforme de uma letra seguida por três algarismos, que ficou conhecida como Tabela de Cutter-Sanborn. Esta tabela, porém, não guardava correspondência com a primeira, de dois dígitos, ou seja, não era compatível, o que inviabilizava sua utilização por bibliotecas que já tinham iniciado o tratamento do seu acervo a partir da primeira Tabela de Cutter, a de dois algarismos. Diante desse problema foi desenvolvida uma terceira tabela de Cutter, com três dígitos, totalmente compatível com a primeira. (BARDEN, 1937; LENTINO, 1967, 1971; TAYLOR, 2006).

Sayers (1944) explica que embora existisse na tabela de Cutter-Sanborn uma indicação de que se tratava de uma alteração à Tabela de Cutter inicial, ela era uma nova tabela, pois não teve como base a tabela de dois algarismos.

Na década de 1990, o Online Computer Library Center (OCLC) desenvolveu uma tabela expandida de quatro dígitos, intitulada OCLC Four-Figure Cutter Tables, que foi elaborada a partir da tabela de Cutter de três dígitos e da tabela Cutter-Sanborn de três dígitos, bem como é compatível com as tabelas de dois e três algarismos. Encontra-se disponível no sítio da OCLC um software gratuito para atribuição do número de autor de acordo com a tabela expandida.

O quadro 2 apresenta um comparativo entre as três tabelas de Cutter, elaborado a partir de Barden (1937) e Lentino (1967, 1971).

**Quadro 2** - Comparativo entre as três tabelas de Cutter

Tabela Nome	Cutter dois algarismos	Cutter - Sunborn	Cutter três algarismos	Elaboradas pela OCLC	
				Cutter - quatro algarismos	Cutter Sanborn quatro algarismos
Scott, W	Sco86	S431	Sco86	Sco861	S4311
Shaw, W	Sh28	S537	Sh28	Sh286	S537
Thayer, S	T338	T373	T338	T338	T373
Upton	Up8	U71	Up8	Up8	U71

**Fonte:** Elaborado a partir de Barden (1937, p. 8); Lentino (1971, p. 281) e OCLC (2016).

Lentino (1967) comenta a diferença sutil entre as tabelas de Cutter (2 e 3 algarismos) e a de Cutter-Sanborn, pois nas duas primeiras as vogais e o S devem ser usados com 2 letras e o Sc com 3 letras ao passo que na segunda (Cutter-Sanborn) a regra é uma só, isto é, a inicial e 2 ou 3 algarismos para todas as letras da tabela.

Cabe salientar que as três tabelas têm a mesma estrutura e são de arranjo alfabético-decimal e permitem a inserção de novos números no caso de autores com sobrenomes iguais. Cutter idealizou uma série de letras combinadas com números a fim de individualizar qualquer obra dentro do mesmo número de classificação, sendo as letras em ordem alfabética e os números em sequência decimal. As vogais e o S aparecem apenas no final da tabela, após todas as consoantes. As tabelas estão dispostas em duas colunas de letras, tendo no centro a numeração em ordem decimal que serve para ambas as colunas.

Louis Stanley Jast (1868-1944), autor inglês, publicou em 1900 a sua tabela, como artigo de periódico: JAST, Louis Stanley. A new book number. *Library World*, v. 3, p. 120-3, 150-2, 1900. Essa tabela consistia das duas primeiras letras do sobrenome do autor, seguidos pelos números em sequência ordinal, de acordo com entrada do documento no acervo. Para diferenciar autores que começavam com as mesmas duas letras eram utilizados os algarismos 1, 2, 3 etc.

A alfabetação não era rigorosa, os autores eram numerados pela ordem de entrada do documento no acervo. Assim, se Johnson e Joyner já foram marcados JO e JO1 respectivamente, e Jones é adicionado, ele será identificado por JO2, e se Jobson for então adicionado ele será JO3, e assim sucessivamente (SAYERS, 1918, 1922). Lentino (1967) sugere como alternativa para se aproximar de uma melhor alfabetação que os números a serem acrescentados não sejam sequenciais de forma que outros possam ser acrescentados, exemplifica com os seguintes sobrenomes: Lafontaine - LA2; Lamartine - LA4; Laroque - LA8.

Para obras de ficção e literatura inglesa utilizavam-se as três primeiras letras com as mesmas subdivisões. As obras de um autor individual eram identificadas com a letra inicial do título em maiúscula após um ponto, e outros títulos começando com a mesma letra eram identificados por 1, 2 e 3. Como exemplo: a obra

*Macbeth* de Shakespeare receberia a identificação SHA.M, o *Merchant of Venice* receberia SHA.M1, já a obra *Midsummer Night's Dream* seria identificada por SHA.M2.

Diferentes edições de um mesmo autor eram marcadas simplesmente pelas três letras, porém diferentes edições e duplicatas eram marcadas pelas letras em minúscula. Assim a segunda cópia do livro *Obras completas* de Shakespeare receberia a identificação SHAa. A segunda cópia de *Macbeth* de Shakespeare receberia a identificação SHA.Ma, a segunda cópia de o *Merchant of Venice* receberia SHA.M1 seria SHA.M1a.

As biografias individuais eram identificadas pelas três primeiras letras do biografado com a primeira letra do sobrenome do autor da obra em maiúscula, como por exemplo, a obra de Morley, *Life of Gladstone* seria identificada por GLA.M. Se a ordem alfabética fosse considerada necessária os números adicionados às iniciais eram tratados como decimais, tais como no exemplo constante no quadro 3:

**Quadro 3** - Parte da tabela de Jast

Harder	HAR2
Hardman	HAR25
Hardy, I. D.	HAR3
Hardy, T.	HAR35

**Fonte:** elaborado com base em SAYERS, 1918, 1922.

Para distinguir as diferentes obras de um mesmo autor acrescentar a primeira letra do título que será colocada após a identificação do autor seguida de ponto. Assim, a obra de Aluisio Azevedo, *O Cortiço* será identificada: AZE8. C6. Observe que neste caso foi acrescentada mais uma letra para identificar o sobrenome do autor e acrescentado o algarismo 8, uma numeração alternada para permitir futuras inserções. Já a obra *Casa de Pensão* do mesmo autor terá como notação de autor AZE8. C2

Outro critério utilizado para organização era o ano de publicação. Ranganathan (1967) relata que o primeiro esquema de *book number* baseado no ano foi elaborado por Walter S. Biscoe, em 1885, e foi denominado *Biscoe Date Table*. A Tabela de Walter S. Biscoe foi publicada no volume 10, do *Library Journal*, editado em 1885

sob o título *Chronological arrangement on shelves*. Seu sistema utilizava o ano de publicação da obra como base para a construção do número do livro. O intervalo de tempo poderia ser desde 1.000 a.C. até 1999 d.C., da forma constante no quadro 4:

**Quadro 4** – Tabela de Biscoe - *Biscoe Date Table*

A	Antes de Cristo	}	500 anos
B	Depois de Cristo - ano 1 - 999		
C	1000 - 1499	}	Representam séculos
D	1500 - 1599		
E	1600 - 1699		
F	1700 - 1799	}	Década
G	1800 - 1809		
H	1810 - 1819		
I	1820 - 1829		
J	1830 - 1839		
K	1840 - 1849		
L	1850 - 1859		
M	1860 - 1869		
N	1870 - 1879		
O	1880 - 1889		
P	1890 - 1899		
Q	1900 - 1909		
R	1910 - 1919		
S	1920 - 1929		
T	1930 - 1939		
U	1940 - 1949		
V	1950 - 1959		
W	1960 - 1969		
X	1970 - 1979		
Y	1980 - 1989		
Z	1990 - 1999		

**Fonte:** Elaboração a partir de Ranganathan (1967) e Sayers (1944)

Deve-se observar que as letras A até C representam longos períodos de tempo, já as letras D a F representam séculos, enquanto as letras G a Z representam períodos de dez anos dos séculos XIX e XX. Para indicar a data exata da obra é acrescentada parte da data às letras e outros números da data são omitidos. Assim, um livro publicado no ano 333 a.C. seria representado por A333; uma obra publicada no ano 450 d.C. será identificada por B450; outra

publicada em 1273 d.C. será identificada por C273, outra publicada em 1512 será identificada por D12 e publicada em 1815 será H5.

Se houver um documento sem data, deve-se atribuir a letra que se presume que seja o período em que o livro tenha sido publicado (SAYERS, 1944).

Quando houver um livro com a mesma identificação do ano de publicação deverá ser acrescentada uma letra minúscula, conforme exemplos constantes no quadro 5:

**Quadro 5** – Exemplos da Tabela de Biscoe

Autor	Título da obra	Ano de publicação	Número de chamada
Bentley	Botany	1856	580L6
Hooker	Botany	1856	580L6a

**Fonte:** elaborado a partir de SAYERS, 1944.

Como se pode observar, a tabela estava planejada para ir até 1999, e isso não era uma preocupação para seu autor, pois acreditava que até que o limite da tabela fosse atingido alguém teria concebido um sistema melhor (LEHNUS, 1980).

A tabela de Biscoe foi posteriormente modificada por Fremont A. Rider sendo publicada como *Rider Book Number*, conforme relatou Ranganathan (1967). Fremont A. Rider queria usar a tabela de Biscoe para o primeiro dígito do *book number*, o dígito da década da publicação. Para o segundo dígito ele usou a primeira letra do sobrenome do autor. Ele denominou sua tabela de *Two-symbol book number*. Entretanto, ele admitiu a necessidade de acrescentar mais um dígito em vários casos. Quando um mesmo autor publicou duas ou mais obras na mesma década sobre o mesmo assunto. Quando dois ou mais autores cujos sobrenomes começam com a mesma letra. Para mais de um exemplar ele orienta acrescentar um conjunto de símbolos começando pela letra **c** de *copies*. Para uma obra que está em vários volumes ele orienta a adição de um grupo de símbolos iniciando pela letra **v** de volume.

Ranganathan analisou os problemas quanto à utilização dessas duas tabelas, a de Biscoe e a de Rider, especialmente após o ano 2000, considerando-as inadequadas.

A tabela de William Stetson Merrill, intitulada *Merrill book numbers* (MERRILL, 1912) foi aplicada na Newberry Library e

tem como objetivo assegurar uma ordem alfabética que estava limitada a 100 posições. Há uma Tabela I que corresponde a dois algarismos de números decimais que são utilizados para alfabetar nomes de pessoas,

lugares, títulos, etc. que está apresentada no quadro 6. A tabela II é utilizada para alfabetação de títulos de periódicos e a Tabela III é para séries de abreviações de datas para arranjo cronológico.

**Quadro 6** -Merrill book number

01	A	34	Gill	67	Pek
02	Agre	35	Goe	68	Pfi
03	Als	36	Got	69	Pif
04	Ap	37	Greeno	70	Po
05	Ash	38	H	71	Pow
06	B	39	Hat	72	Q
07	Ban	40	Hesi	73	R
08	Bax	41	Hiu	74	Rey
09	Beno	42	Hov	75	Robi
10	Bix	43	I	76	Row
11	Bou	44	Ini	77	S
12	Brim	45	J	78	Sanch
13	Bum	46	K	79	Schar
14	C	47	L	80	Schwar
15	Carr	48	Lang	81	Sevi
16	Chan	49	Law	82	Simons
17	Ci	50	Leo	83	Soo
18	Clo	51	Lit	84	Steb
19	Cond	52	Long	85	Stratt
20	Crom	53	M	86	T
21	D	54	McL	87	Thau
22	Day	55	Marc	88	To
23	Dicke	56	Mau	89	Trum
24	Doy	57	Merr	90	U
25	E	58	Min	91	Ull
26	Elg	59	Moo	92	Upt
27	Erm	60	Mu	93	V
28	F	61	N	94	Ven
29	Fel	62	Nev	95	W
30	Fit	63	Nol	96	Wats
31	Forr	64	O	97	Wha
32	G	65	P	98	Wit
33	Gay	66	Parkm	99	X - Z

**Fonte:** Elaboração a partir de Ranganathan (1967) e Sayers (1944)

Quando esse sistema for utilizado juntamente com sistemas decimais para organização por assunto, deve-se inserir um sinal para separá-lo da notação de classificação. Lentino (1967) acrescenta que podem ser adotadas as mesmas orientações e regras utilizadas para a construção da notação de autor apresentadas na tabela de Cutter.

James D. Stewart elaborou uma versão inglesa da tabela de Merrill que foi publicada no *The Library Association Record*, volume 9, páginas 244-245, em 1907.

O bibliotecário inglês, James Duff Brown, desenvolveu um sistema de classificação

denominado *Subject Classification*, que foi publicado em 1906. Este sistema é pouco enumerativo e permite síntese, incluindo várias tabelas auxiliares. Não cabe neste estudo detalhar o referido sistema, porém, o mesmo inclui dentre suas tabelas auxiliares a Tabela de números alfabetadores (*Table of alphabeting numbers*). Brown (1906) esclarece que esta pode ser utilizada em qualquer classe de assunto, porém deve ser mais utilizada para ordenar biografias individuais, obras de ficção, poesia, drama, ensaios e outras classes alfabéticas. Argumenta como vantagens do sistema a possibilidade de um lugar constante para qualquer tipo de

combinação alfabética. Essa tabela possibilita converter a ordem alfabética em ordem numérica do sobrenome do autor. Apresenta combinações de três dígitos, que estão em negrito na sua tabela, que podem ser utilizadas em bibliotecas

menores e outras combinações de quatro dígitos que correspondem a subdivisões da combinação de três dígitos, conforme pode ser observado no quadro 7. Cabe ressaltar que essa tabela encontra-se disponível em Brown (1906, p. 237 – 250).

**Quadro 7** - Parte da tabela de Brown (1906, p. 237).

<b>Aa</b>	<b>300</b>	<b>Af</b>	<b>305</b>	All	3117
<b>Ab</b>	<b>301</b>	<b>Ag</b>	<b>306</b>	Alm	3118
Aba	3010	Aga	3060	Alt	3119
Abb	3011	Agi	3061	<b>Am</b>	<b>312</b>
Abc	3012	Agn	3062	Ama	3120
Abd	3013	Ago	3063	Amb	3121
Abe	3014	Agr	3064	Ame	3122
Abi	3015	Agu	3065	Amh	3123
Abo	3016	<b>Ah</b>	<b>307</b>	Amm	3124
Abr	3017	Ahm	3071	Amn	3125
Abu	3018	<b>Ai</b>	<b>308</b>	Amo	3126

**Fonte:** extraída de Brown (1906, p. 237).

Ranganathan (1967) também estudou a numeração dos livros e apresentou o seu próprio sistema, baseado na análise facetada, identificando as características e uma fórmula de faceta, prescrita pela *Colon Classification*, a *Classificação de dois pontos*. Acreditava que apenas 19% da coleção necessitariam da identificação de outras características além do ano. As facetadas identificadas foram: idioma do documento (L) - esta faceta deveria ser utilizada apenas quando o documento fosse em idioma diferente do predominante no acervo; forma de apresentação do texto (F) - segundo ele a grande maioria dos textos são apresentados em prosa, nesse caso não seria necessário indicá-la; ano de publicação (Y); número de entrada do documento no acervo (SN); número para volume (V); número para suplemento (S); número para cópia ou exemplar (C); e número de avaliação (EV). Ele também elaborou uma Tabela intitulada *Ranganathan's Chronological Table* que era baseada no ano de publicação do documento conforme menciona Satija (1987).

A notação de autor da Library of Congress (LC) dos Estados Unidos possui características

próprias, embora seja denominada tabela de cutter, não corresponde a nenhuma das tabelas desenvolvidas por Charles Amim Cutter. A tabela de autor da LC é uma tabela de números na ordem decimal, cada autor deve ter o seu número de notação de autor, por este motivo, ao ser catalogado cada documento, deve-se recorrer ao catálogo para fixar o número do respectivo autor de acordo com os já existentes. Assim, a notação para o autor de sobrenome Smith poderá variar de acordo com a classe. As regras para a construção da notação de autor foram publicadas em 1965<sup>3</sup>, juntamente com a tabela base a partir da qual as notações são construídas. A notação de autor é composta pela letra inicial do sobrenome do autor, seguida por algarismos arábicos, preservando a ordem alfabética dentro da classe. Esses algarismos arábicos são utilizados conforme o quadro 8.

<sup>3</sup> Library of Congress. Author numbers. *Library Resources & Technical Services*, v. 9, n. 4, p. 432, Fall, 1965.

Quadro 8 – Tabela utilizada pela LC para construção da notação de autor

Orientação	Algarismo que substituirá a letra									Exemplos
Sobrenome do autor inicia com vogal, a segunda letra deverá ser substituída por um algarismo	b	d	l-m	n	p	r	s-t	u-y		Abernathy – A2 Adams – A3 Aldrich – A4 Idaho – I33 Ilardo – I4 Inman – I56 – observe que o segundo algarismo foi retirado da orientação <b>Para expansão</b>
	2	3	4	5	6	7	8	9		
	a	ch	e	h-i	m-p	t	u	w-z		Sadron – S23 Schreiber – S37 Stinson – S75
	2	3	4	5	6	7	8	9		
	a	e	i	o	r	t	y			Quade – Q33 Queiroz – Q 45 Quinn – Q56
3	4	5	6	7	8	9				
Para letras iniciais Qa-Qt usar os números	2-29									Qadduri - Q23
Sobrenomes que começam por consoantes, para a segunda letra usar o algarismo	a	e	i	o	r	u	y			Campbell – C36 Ceccaldi – C43 Cryer – C79
3	4	r	6	7	8	9				
<b>Para expansão</b> substituir a letra pelo algarismo	a-d	e-h	i-l	m-o	p-s	t-v	w-z			
3	4	5	6	7	8	9				

Fonte: elaboração própria a partir de Robare et. al.(2007?, p. 355).

No que se refere à Europa, Slavic (2009) estudou o desenvolvimento dos números de chamada e arranjo dos livros, e observou que as questões relacionadas ao tema não foram negligenciadas. Esses temas foram abordados, principalmente, como um conjunto de instruções em manuais de bibliotecas ou regras aplicadas em grandes bibliotecas e relatados por autores como Martin Schrettinger cujos trabalhos foram publicados em 1829 e 1834; de Johan Georg Seizinger publicado em 1863; de S. Comnos publicado em 1874; de Léopold Delisle publicados em 1897 e 1908 e Giuseppe Fumagalli publicado em 1890.

Slavic (2009) observou que na Europa, livros dedicados especificamente ao arranjo da coleção e números de chamada não começam a aparecer até o século XX, quando um número de títulos em alemão, mas também autores italianos, franceses e húngaros poderiam ser encontrados. Além disso, quase todos os países da Europa haviam publicado no século XX algum manual na língua nacional, que incluía instruções sobre o arranjo de livros e como atribuir os números de chamada.

De acordo com Slavic (2009), o destaque foram os autores americanos tais como Melvil Dewey, Charles A. Cutter, Walter S. Biscoe, Henry E. Bliss, William S. Merrill e Bertha Barden cujos trabalhos atingiram reconhecimento internacional e continuaram ao longo do século XX. Na segunda parte do século XX, o assunto esgotou-se e saiu de moda depois dos livros de Lehnus e Comaromi que foram publicados em 1980 e 1981 respectivamente. Além de artigos e livros (SATIJA, 1987, 2008) há muito poucos textos completos sobre o assunto.

## 5 CONCLUSÕES

Após o estudo pode-se inferir que o auge do desenvolvimento da notação de autor ocorreu nos séculos XIX e XX, porém nenhuma base teórica que desse suporte a esse desenvolvimento foi identificada. Autores da época apresentaram variadas propostas de organização e de construção da notação de autor, emergindo assim diferentes linhas de pensamento.

A primeira ideia de tradução do nome do autor em algarismos de forma a preservar a ordem alfabética foi proposta por Schwartz em 1870. Em 1879, Edmands propôs o uso

da primeira letra do sobrenome do autor em maiúscula e acrescentou um número que representasse o autor.

Merece destaque a reflexão de que essas duas propostas podem ser consideradas as sementes para a tabela de Cutter, que inicialmente foi contra a combinação de letras e números para a notação de autor. Entretanto, aceitou a ideia e posteriormente publicou sua tabela em 1880, definindo-a como o arranjo ideal.

Merrill em 1912, também propôs a conversão do sobrenome do autor limitando a 100 posições. Outra linha de pensamento propunha a utilização de números consecutivos de entrada do documento de mesmo autor dentro da mesma classe de assunto no acervo. Dentre os autores que defendiam esta linha encontram-se Larned (1879) que propôs atribuir números decimais consecutivos a vários autores.

A proposta de Jast, publicada em 1900, consiste em outra linha de pensamento. Propôs uma tabela com as duas primeiras letras do sobrenome do autor, seguidos do número ordinal de acordo com a entrada do documento no acervo. Esta proposta mescla as duas linhas anteriores.

O ano de publicação foi o critério adotado por dois autores. Biscoe propôs converter um intervalo de tempo em uma letra do alfabeto. Rider, por sua vez, propôs a utilização da tabela de Biscoe para o primeiro dígito, a década da publicação e em seguida a primeira letra do sobrenome do autor. Estas duas propostas foram muito criticadas, pois iam apenas até o ano de 1999.

Dewey propôs um sistema de classificação decimal para os assuntos e a organização cronológica de publicação de cada autor e criticou todas as demais propostas.

Os diferentes sistemas e tabelas apresentados não sobreviveram ao teste do tempo. Alguns tinham problemas quanto ao seu uso, outros não permitiam a interpolação ilimitada de novos documentos incorporados ao acervo, isto é, eles não eram baseados em um sistema decimal.

O sistema que sobreviveu e vem sendo utilizado em vários países é a tabela de Cutter. Taylor (2006) ressalta que essa é a tabela mais utilizada pelas grandes bibliotecas em todo o mundo. No Brasil, a tabela mais utilizada é a Tabela de Cutter-Sanborn.

## BOOK NUMBER: its history

**ABSTRACT** Report search results on book number. Analyzes the path for systems and tables built over time, identifying its history, influences, questions and consolidation. It consists of descriptive, qualitative approach, carried out through research, study and analysis of the literature. From the analysis it was observed that different criteria were used for the construction of the book number: use the first letter of the author's last name; use of consecutive numbers of the author's work entry in the collection; use of the publication year combined with alphabet letters representing periods of time. The influences that Cutter received were identified: ideas of Schwartz - the translation of the figure on the author's name - and of Edmands - use the first letter of the author's last name in uppercase and the addition of a number representing the author. Several systems and tables identified have not stood to the test of time and are no longer used, except Cutter's table that is applied to the largest libraries in the world and in Brazilian libraries too.

**Keyword:** Book number. History. Brazilian libraries

## REFERÊNCIAS

- BARDEN, B. R. **Book number**: a manual for students with a basic code of rules. Chicago: American Library Association, 1937. 31p. Disponível em: <<http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015033787162;view=1up;seq=7>>. Acesso em: 2 set. 2014.
- BROWN, J. D. **Subject Classification**: with tables, indexes etc. for the sub-division of subjects. London; Library Supply, 1906. 436p.
- CUTTER, C.A. Another plan for numbering books. **Library Journal**, New York, v.3, n. 7, p. 248-251, Sep. 1878.
- CUTTER, C.A. Plans for numbering, with especial reference to fiction: a library symposium. **Library Journal**, New York, v.4, n.2, p. 44-47, Feb. 1879.
- DEWEY, M. Plans for numbering, with especial reference to fiction: a library symposium. *Library Journal*, New York, v.4, n.2, p. 40-44, Feb. 1879.
- EDMANDS, J. Plans for numbering, with especial reference to fiction: a library symposium. **Library Journal**, New York, v.4, n.2, p. 38-40, Feb. 1879.
- ESCOLAR SOBRIÑO, Hipólito. **Historia de las bibliotecas**. 3.ed. Madrid: Piramide, 1990. 596p.
- LARNED, J.N. Plans for numbering, with especial reference to fiction: a library symposium. **Library Journal**, New York, v.4, n.2, p. 40, Feb. 1879.
- LAWS, A. C. **Author notation in the Library of Congress**. Washington: Government Printing Office, 1917. 18p.
- LEHNUS, D. J. **Notação de autor**: manual para bibliotecas. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1978. 83p.
- LENTINO, N. **Classificação decimal universal (CDU)**: seu desenvolvimento, sua atualização. São Paulo: Folco Masucci, 1967. 127p.
- LENTINO, N. **Guia teórico, prático e comparado dos sistemas de classificação bibliográfica**. São Paulo: Polígono, 1971. 407p.
- NAUDÉ, G. P. **Advis pour dresser une bibliothèque**. 2.ed.rev.aum. Paris: Chez Rolet Le Duc, 1644. 164p.
- OCLC. Dewey Cutter Program. Disponível em: <<https://www.oclc.org/support/services/dewey/program.en.html>>. Acesso em: 26 mar. 2016.
- RANGANATHAN, S. R. R. **Prolegomena to Library Classification**. New York: Asia

Publishing House, 1967. Disponível em: <<http://arizona.openrepository.com/arizona/handle/10150/106370>>. Acesso em: 02 jul. 2011.

ROBARE, L. et. al. **Fundamentals of Library of Congress Classification**. Washington: Library of Congress, 2007?. 424p. Disponível em: <<https://www.loc.gov/catworkshop/courses/fundamentalslcc/pdf/classify-trnee-manual.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

SATIJA, M. P. **A primer on Ranganathan's Book numbers**. Delhi: Mittal Publications, 1987. 87p.

SATIJA, M. P. Book number and call number. In.: KENT, Alen. **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: Marcel Dekker, 1990. v. 45, supl. 10, p. 18-45,

SATIJA, M. P. UDC in India: use and problems. **Extensions and corrections to the UDC**, v.30, p. 57-58, 2008.

SAYERS, W. C. B. **A Manual of classification for librarians and bibliographers**. London: Grafton &Co, 1944. 345p

SAYERS, W. C. B. **An introduction to library classification**: with readings, questions and examination papers. London: Grafton &Co, 1918. 172p.

SAYERS, W. C. B. **An introduction to library classification**: theoretical, historical and practical and a short course in practical classification, with readings, questions and examination papers. London: Grafton &Co, 1922. 256p.

SCHWARTZ, J. An alphabetic-mnemonic system of classifying and numbering books. **Library Journal**, New York, v. 10, n. 11, p. 371-375, Nov. 1885. Disponível em: <<http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044079210621;view=1up;seq=385>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. A combined system for arranging and numbering. **Library Journal**, New York, v.3, n.1, p. 6 - 10, Marc. 1878. Disponível em: <http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015019980633;view=1up;seq=7>. Acesso em: 18 Jan. 2016.

SLAVIC, A. Call numbers, book numbers & collection arrangements in European Library Traditions. In.: SINGH, Jagtar; MALHAN, Indervir; KAUR, Trishanjit (ed). **Library & information Science in digital age**. Portland: International Specialized Book Service, 2009. 2v. Cap. 25, p. 257-285.

TAYLOR, A. G. Creation of complete call numbers. In.: \_\_\_\_\_. **Introduction to cataloging and classification**. 10.ed. Westport: Libraries Unlimited, 2006. p. 448-455.